

**(TELA 1) I Seminário MARGEM
FEF/UNICAMP – 05/12/2016**

“Pressupostos Metodológicos da Pesquisa Sociocultural”

- I. Ao decidir fazer uma discussão sobre **pressupostos metodológicos da pesquisa sociocultural**, considerei alguns aspectos: primeiramente as discussões com meu grupo de orientandos, debatendo temas metodológicos sem me restringir à etnografia, uma vez que nem todos utilizaram esse procedimento; considerei também o conteúdo de minha última disciplina na Pós-Graduação, em 2015, quando dei aulas para alunos de várias orientações teóricas e até de outras áreas de concentração; também me lembrei do capítulo que escrevi no livro Educação Física + Humanas sobre pressupostos metodológicos. Por fim, considerei que uma discussão sobre método poderia ser mais útil a todos os alunos que compõem o Margem do que aprofundar aspectos teóricos que poderiam não interessar a todos.

(TELA 2)

- II. Frase da Ruth Cardoso: *“Negamos a neutralidade do pesquisador, apoiamos com entusiasmo seu compromisso com o grupo estudado, mas continuamos a conceber ‘os dados’ como formas objetivas com existência própria e independente dos atores”*.
- III. Me reporto inicialmente a uma discussão interessante levantada pela profa. **Ruth Cardoso** num texto de 1986 sobre a questão da

subjetividade em pesquisas das ciências humanas, em particular, na Antropologia Social. Ao se negar a neutralidade do pesquisador e a objetividade dos modelos de pesquisas das ciências naturais, e ao se valorizar o engajamento social das pesquisas, passou-se a **(TELA 3)** considerar a subjetividade presente nas pesquisas em CH, porém com duas decorrências, ambas problemáticas: aquilo que ela chamou de um subjetivismo descontrolado ou um subjetivismo apenas de intenção, com uma objetivismo na prática. Exemplos: o tal “feeling” que reforça um certo “achismo” pouco científico; pesquisas com uma introdução teórica engajada e uma pesquisa de campo extremamente “naturalista”, por exemplo, seguida de uma entrevista neutra, quase asséptica, em que se nega qualquer subjetividade.

- IV. Essa discussão mostra-se importante para a Educação Física, uma vez que a área ainda é refém de um modelo naturalista de pesquisa desde a medicina higienista do século XIX e presente até hoje, sobretudo com as tensões na discussão da avaliação da pós-graduação. **(TELA 4) François Laplantine** reporta-se a esse fato afirmando o risco de uma dupla eliminação do sujeito na pesquisa, na qual os atores sociais são objetificados e os observadores estão ausentes ou dissimulados.
- V. **(TELA 5)** Voltando aos argumentos de Ruth Cardoso, ela sugere aceitar a natureza intersubjetiva da relação entre o pesquisador e seu informante. Segundo ela, uma entrevista, por exemplo, é

uma forma de comunicação, essencialmente simbólica, entre duas pessoas que estão procurando entendimento. Segundo ela, não se trata de negar a subjetividade do pesquisador, mas de saber onde ela se encontra o tempo todo, tentando ter um certo controle da sua influência.

- VI. Nas Ciências Humanas o pesquisador constitui-se no seu próprio instrumento de pesquisa fazendo sempre uma interpretação na tentativa de aproximação com o seu objeto ou com seu tema. E essa aproximação será sempre mediada por sua subjetividade. A Antropologia Social não é melhor que nenhuma outra ciência, mas foi a primeira ciência que mergulhou no contato “corpo a corpo” com outros seres humanos, na época vistos como exóticos, estranhos, distantes, menos evoluídos, primitivos etc., desvinculando-se da Sociologia. Por isso ela nos ensina alguns pressupostos importantes para a investigação de seres humanos por seres humanos.
- VII. **(TELA 6)** A primeira ‘dica’ seria substituir a pergunta “*para que serve?*” para “*o que significa?*”. Pode parecer óbvio, mas na Educação Física ainda prevalece certa visão funcionalista sugerida pela primeira pergunta. A segunda aponta para uma visão de área que lida com o ser humano como essencialmente cultural em suas relações com o mundo, na medida em que dá significados às suas ações. Tudo o que ser humano faz ou fez ao longo de sua história tem relação com sentidos atribuídos e a pesquisa sociocultural tem por tarefa tentar identificar isso por meio de uma interpretação do pesquisador. Exemplo:

funcionários de uma fábrica jogando futebol no asfalto ao meio dia.

VIII. **(TELA 7)** Essa interpretação consiste, em resumo, em criar uma ponte de ligação entre a teoria estudada e os dados do campo de pesquisa. A teoria deve preparar o olhar do pesquisador em relação aos dados do campo (**Roberto Cardoso de Oliveira** fala em *“domesticação do olhar”*) e, simultaneamente, os dados do campo devem estimular novos estudos na literatura, num processo contínuo. Uma teoria sem interpretação do campo consiste numa compilação bibliográfica; já uma observação sem teoria consiste em descrição bruta. Na pesquisa sociocultural é necessário criar uma ponte interpretativa entre a literatura e o campo de pesquisa.

IX. **(TELA 8)** Por conta dessa interpretação particular do pesquisador, e sempre incompleta, é que não tem sentido falar em *“coleta de dados”*, termo próprio das ciências naturais, que sugere que os dados estão no campo para serem recolhidos. Laplantine afirma: que *“nunca observamos os comportamentos de um grupo tais como se dariam se não estivéssemos ou se os sujeitos da observação fossem outros”*. Os dados de pesquisa só se configuram como dados na relação intersubjetiva com o pesquisador. É por isso que nunca haverá duas pesquisas idênticas, uma vez que a mediação interpretativa é necessariamente feita pelo pesquisador de forma intersubjetiva.

- X. **(TELA 9)** A sugestão dada pela Antropologia consiste na realização de um duplo papel por parte do pesquisador, qual seja, **estranhar o familiar e familiarizar-se com o estranho**. Se o pesquisador não se familiariza com aquilo que a princípio lhe parece estranho, não consegue se aproximar para compreender e interpretar. Por outro lado, se o pesquisador não estranha o que a princípio lhe parece familiar, não consegue se desligar dos seus valores e hábitos, pode não notar coisas diferentes do que pensa, somente considerando aspectos que são próximos de seu contexto de vida, perdendo a oportunidade de observar características inovadoras e inesperadas dos sujeitos pesquisados. O pesquisador precisa também, além de observar atentamente o fenômeno estudado, considerar o impacto deste fenômeno sobre si mesmo, subjetivamente.
- XI. Por fim, devemos ter a humildade de assumir que numa pesquisa de caráter interpretativo, não estamos buscando a verdade em si, ou a verificação de alguma hipótese, ou a validação de algum argumento teórico, mas uma interpretação, sempre parcial, que tente dar conta de um fenômeno, que tente se aproximar dele, sabendo que nunca isso será plenamente realizado. **(TELA 10) Clifford Geertz** falava que o pesquisador realiza uma leitura de segunda mão. Por isso o mesmo autor afirma que *“a análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa”*.
- XII. **(TELA 11)** Para concluir, deixo mais uma frase de Ruth Cardoso no citado texto: Falando da pesquisa sociocultural, diz a autora

que “É neste encontro entre pessoas que se estranham e que fazem um movimento de aproximação que se pode desvendar sentidos ocultos e explicitar relações desconhecidas”.

(TELA 12) REFERÊNCIAS

CARDOSO, Ruth. Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método. In: CARDOSO, R. (org.) *A aventura antropológica: teoria e pesquisa*. 4ed. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

DAOLIO, Jocimar. Educação física e pesquisa sociocultural. In STIGGER, M. P. (org.) *Educação física + humanas*. Campinas, Autores Associados, 2015.

GEERTZ, Cliffoord. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 1989.

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: ver, ouvir, escrever. In. CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo*. Brasília/ São Paulo, Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998.

OLIVEIRA, Rogério Cruz de; DAOLIO, Jocimar. Pesquisa etnográfica em educação física: uma (re)leitura possível. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Brasília, vol 15, n.1, p.137-143.